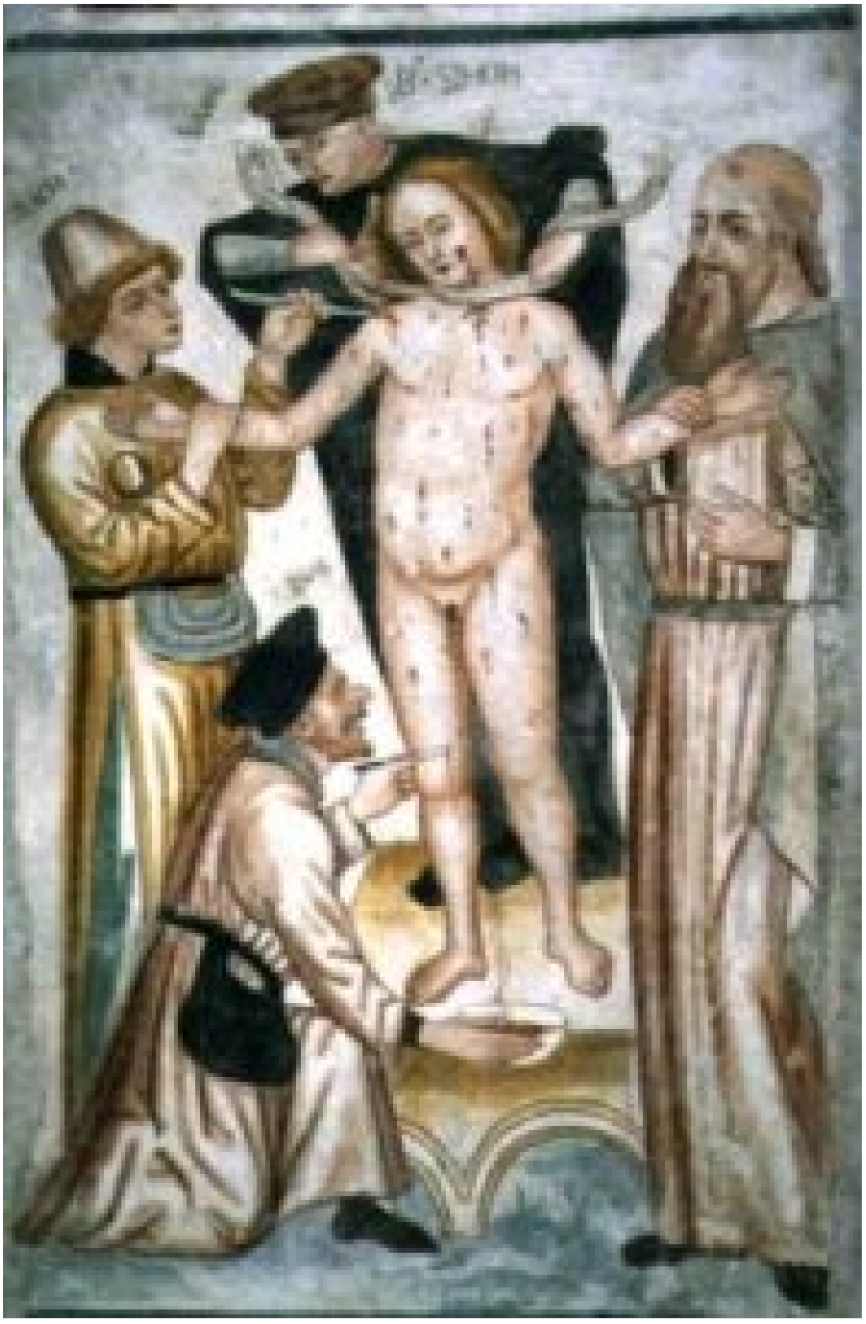
Pe. Olivier Rioult

Crianças mártires e carrascos judeus: antissemitismo ou crime ritual?



Pe. Olivier Rioult

Crianças mártires e carrascos judeus: antissemitismo ou crime ritual?

Introdução

A “Vida dos santos e dos bem-aventurados segundo a ordem do calendário com o histórico das festas” pelos RR. PP. Baudot e Chaussin, O.S.B. é uma obra com *Nihil obstat* que data de 1934. Folheando as páginas desse dicionário dos santos, encontramos várias crianças mártires dos judeus.

Numa primeira parte deste artigo daremos os fatos que estão em nossa posse sobre esses mártires tal como são expostos pelos beneditinos e numa segunda parte estudaremos em que medida esses assassinatos se enquadram no crime ritual com a ajuda das reflexões de Israel Shamir. Nessas duas partes nos absteremos de todo comentário.

I. As crianças mártires

1. Guilherme de Norwich – 1144

Ele nasceu em 2 de fevereiro de 1132. Os pais se chamavam Wenstan e Elvina. O pai era fazendeiro e gozava de certa prosperidade; morreu antes do martírio do filho. Aos oito anos, Guilherme era aprendiz de um curtidor de Norwich, na Inglaterra: passou lá cerca de quatro anos, de 1140 a 1144, e vivia na casa de um parente chamado Ulward. O patrão de Guilherme mantinha frequentes relações com os judeus do lugar e estes não deixaram de notar o menino: o anfitrião e tio dele o advertiram contra tais homens e lhe recomendaram evitá-los. Infelizmente, deveria cair em suas mãos.

Na segunda-feira santa, 20 de março de 1144, o jovem Guilherme ia visitar sua mãe: estava acompanhado por um homem que se apresentava como cozinheiro do arcediago de Norwich e propunha ao menino uma vaga na casa do arcediago. Mas era preciso uma resposta imediata e, para dá-la, era necessário o consentimento da mãe. Esta fez algumas dificuldades; para convencê-la, o suposto cozinheiro lhe entregou algumas moedas na mão. Guilherme retomou então o caminho de Norwich em companhia do desconhecido. Esse mensageiro era um personagem misterioso; desconhecido da mãe da criança, não se soube dizer se era judeu ou cristão. Na terça-feira, 21 de março, ele se apresentou com Guilherme à casa de Livina, tia dele que morava em Norwich, e lhe contou o arranjo ocorrido na véspera. Essa iniciativa pareceu estranha a Livina e, quando o homem e o menino deixaram sua casa, ela disse à filha que os seguisse e espionasse seus movimentos. A filha os viu entrar na casa de um judeu, fechar a porta atrás de si e, a partir desse momento, Guilherme nunca mais foi visto com vida em Norwich. A filha de Livina voltou e contou à mãe o que acabava de ver. Era então terça-feira santa.

O biógrafo da criança mártir foi o único a relatar os acontecimentos da quarta-feira santa, e o fez de maneira breve. Guilherme, escreveu ele, passou a noite da

terça-feira com os judeus, que o trataram amavelmente e lhe deram de comer. Na quarta-feira, após o serviço na sinagoga, no momento em que o menino estava à mesa, eles se apoderaram dele, colocaram-lhe na boca uma mordaça que fixaram com cordas atadas atrás do pescoço; depois rasparam-lhe a cabeça e a perfuraram com espinhos. Após um julgamento irrisório em que o condenaram a ser crucificado, conduziram-no a um aposento onde havia três postes unidos entre si por uma trave transversal. Erigiram então sua vítima contra um dos postes, amarraram a mão direita e o pé direito com uma corda, fixaram com pregos a mão esquerda e o pé esquerdo, perfuraram em seguida o lado esquerdo de modo a atingir o coração e, por fim, derramaram sobre todo o corpo água morna a fim de lavar as feridas e estancar o sangue. O biógrafo declarou ter obtido todos esses detalhes de uma mulher cristã que, estando a serviço dos judeus, aquecera água por ordem deles, ouvira grandes ruídos no quarto onde estavam trancados e, no momento em que lhes levava a água, pôde ver pela porta entreaberta o infeliz menino preso ao poste. À noite, teve de limpar o aposento, encontrou num canto um cinto de criança ao qual estavam presos uma faca e uma caixa de agulhas. Mais tarde, pôde mostrar as marcas do martírio e foi possível ver dois buracos feitos em um dos postes pelos pregos que ali haviam sido cravados.

Na quinta-feira santa, os judeus deliberaram sobre o que fariam do corpo, conforme contou mais tarde um deles. Finalmente, na sexta-feira, colocaram o cadáver em um saco e o levaram a um bosque vizinho chamado Thorpe Wood. À entrada do bosque, encontraram um homem chamado Aelward Ded, o qual, ao pôr a mão sobre o saco, percebeu que continha um corpo humano. Sentindo-se descobertos, os judeus fugiram, adentraram o bosque, penduraram o corpo em uma árvore e retornaram o mais rápido possível a Norwich para procurar um meio de escapar das investigações. Forçaram Aelward Ded a guardar silêncio sobre o caso e, de fato, a verdade só veio à luz cinco anos mais tarde (24 de março de 1144).

Na noite da sexta-feira santa, viu-se uma luz no lugar do bosque onde o corpo de Guilherme havia sido suspenso. No dia seguinte, um habitante de Norwich encontrou nessa direção um lenhador que lhe declarou ter descoberto uma criança assassinada: ambos se aproximaram para examiná-la, constataram as feridas e a presença da mordaça na boca. Na segunda-feira de Páscoa, o corpo foi enterrado no próprio local e sem as cerimônias da Igreja. Entretanto, entre as crianças que, nesse intervalo, tinham visto o cadáver, algumas reconheceram o corpo de Guilherme. O tio quis certificar-se: o corpo foi desenterrado, estava incorrupto e exalava um agradável perfume. Decidiu-se então transferi-lo para o cemitério dos monges de Norwich; o que foi feito no dia 24 de abril seguinte. Produziram-se milagres que levaram à proclamação da santidade da criança mártir. Houve, posteriormente, várias transladações do corpo entre os anos de 1144 e 1172. No momento em que Tomás de

Monmouth compunha seu relato, o corpo encontrava-se exposto na igreja de Norwich, na capela designada sob o nome de Capela dos mártires.

Quanto ao reconhecimento oficial do culto prestado a essa criança, ele não foi realizado. Bento XIV (*De beatific.*, l. I, c. xiv, n. 4) limita-se a dizer que os bolandistas afirmam a existência desse culto. Observou-se que Guilherme de Norwich foi a primeira vítima do que se chamou de “assassinato ritual dos judeus”.

2. São Simão de Trento – 1472

Em 1472, na quarta-feira da semana santa, alguns judeus da cidade de Trento recorreram a um deles, chamado Tobias, que exercia a medicina, para conseguir como vítima uma criança cristã. Este aproveitou o momento em que os cristãos estavam reunidos em sua igreja para o ofício das trevas, a fim de atrair consigo um pequenino chamado Simão ou Simeão, de dois anos e alguns meses. Aproveitando a ausência dos pais, o médico Tobias aproximou-se da criança que estava no limiar da casa, estendeu-lhe uma mão carinhosa, e a inocente vítima passou a seguir o homem que não conhecia. A certa distância da casa paterna, o menino voltou-se, soltou um gemido lamentoso e chamou pela mãe derramando lágrimas. O judeu, apavorado, deu a Simão uma moeda e o acalmou com palavras suaves. No fim da rua encontrava-se um sapateiro ocupado em sua oficina; Tobias deteve-se por um instante antes de passar diante dele, espiou o momento em que o trabalhador olhava para outro lado, atravessou rapidamente a rua e conseguiu introduzir a criança na casa de um correligionário chamado Samuel. Uma vez em segurança no interior, os miseráveis conseguiram acalmar o menino dando-lhe frutas e guloseimas. Os pais de Simão, ao regressarem para casa, preocuparam-se por não mais encontrar seu filho; procuraram-no em vão entre os vizinhos que ele costumava visitar, percorreram depois toda a cidade sem resultado; surpreendidos pela noite, não ousaram entrar nas casas dos judeus para fazer sua busca e voltaram à sua morada derramando lágrimas amargas.

Entretanto, da noite de quinta para sexta-feira santa, os judeus levaram a criança para um vestíbulo contíguo à sinagoga. Um velho, chamado Moisés, tomou-o nos joelhos: colocaram um lenço sobre a cabeça da vítima; sobre o pequeno corpo os miseráveis fizeram diversas incisões e recolheram em uma bacia o sangue que escorria. Durante esse tempo, alguns seguravam-lhe as pernas, outros lhe tomavam os braços e os estendiam em forma de cruz. Em seguida, puseram-no de pé, dois

carrascos mantiveram-no nessa posição, enquanto os outros perfuravam seu corpo com agulhões e punções. Quando a criança deixou de viver, todos começaram a cantar em volta dela: “Foi assim que tratamos Jesus, o Deus dos cristãos: que todos os nossos inimigos sejam confundidos para sempre.” Essa cena ocorreu em 24 de março de 1472.

Terminada sua triste tarefa, os judeus esconderam primeiro o cadáver em um celeiro de feno, depois em uma adega. Em seguida, foram lançá-lo no Ádige. Deus permitiu que os autores desse crime atroz fossem descobertos; levados diante dos tribunais, confessaram seu delito e foram condenados ao último suplício.

Entretanto, o corpo do pequeno foi retirado do rio; no local da sinagoga onde havia sido martirizado, ergueu-se uma capela em sua honra. Milagres foram obtidos por sua intercessão; multidões vinham venerar suas relíquias. Viram-se então cegos recuperar a visão, numerosos doentes recobrar a saúde.

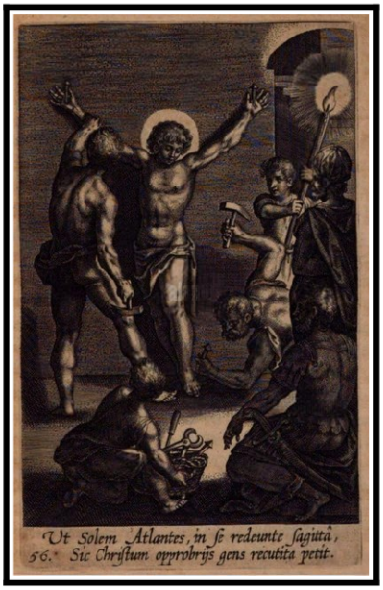
Apenas três anos após o assassinato, em 10 de outubro de 1475, o sumo pontífice Sisto IV, informado do que se passava em Trento, proibiu a título provisório o culto dessa criança: reservava-se para se pronunciar sobre o caso quando conhecesse a verdade por meio de um comissário encarregado de fazer uma investigação no local. A carta de Sisto IV é citada integralmente por Bento XIV (*De beatificatione…*, l. I, c. xiv, n. 4). O bispo de Trento, João Hinterbach, havia instruído um processo concluindo pela existência de um assassinato ritual; o comissário do papa abriu um segundo processo e constatou que os escrivães do bispo haviam cometido falsificações. A agitação foi intensa em Trento. Sisto IV ordenou um terceiro processo em Roma e, em 20 de junho de 1478, declarou que o processo de Hinterbach havia sido feito de modo regular e correto. Era a forma mais moderada de agir diante da efervescência e do fato consumado (condenação recente e execução dos culpados). Entretanto, ele recusou autorizar o culto do pequeno Simão (ou Simeão) e ordenou ao bispo que não molestasse os judeus. Isso equivalia a declarar que a instrução não o havia levado a uma convicção firme sobre a culpabilidade dos judeus (em geral).

O caso não terminou aí. Em 1584, apareceu, com a aprovação de Gregório XIII, o novo martirológio romano preparado sob os cuidados do cardeal Baronio. Nele se inseriu, na data de 24 de março, a fórmula que temos ainda hoje, a respeito de São Simão (ou Simeão), criança mártir em Trento. Sisto V, em sua bula *Regni cœlorum* de 8 de junho de 1588, ratificou para a cidade e a diocese de Trento o culto de Simão (ou Simeão) mártir. A bula não atribui a razões rituais a morte da criança, não afirma sequer que ele tenha perecido pela mão dos judeus, apenas confirma o culto em razão dos milagres. Bento XIV, em sua bula de 22 de fevereiro de 1755, parece acreditar no assassinato ritual, ao menos em um sentido amplo. Em um relatório apresentado ao

Santo Ofício em 21 de março de 1758 pelo cardeal Ganganelli (o futuro Clemente XIV), foram mantidos como verdadeiros os casos de Simão de Trento e de André de Rinn, degolados por ódio à fé cristã.

Fica, portanto, admitido para esses casos, e para certo número de outros, que judeus mataram crianças cristãs, durante a semana santa, por ódio a Jesus Cristo (atos que se podem qualificar de assassinatos rituais em sentido amplo). O parecer de Bento XIV, sobre essa matéria, tem sua importância; igualmente significativa é a aprovação por Sisto V do culto prestado a São Simeão de Trento, assim como a inserção desse nome no martirológio romano de Gregório XIII. O conjunto pode constituir uma beatificação equipolente (*Bento XIV, De beatific.*, l. III, c. xv, n. 6).

3. São Ricardo de Pontoise – 1179



Ricardo, criança, foi em 25 de março de 1179 crucificado em Pontoise por judeus fanáticos, depois de lhe terem infligido cruéis torturas: esse assassinato foi uma das causas que levaram, na França, à expulsão dos judeus pelo rei Filipe em abril de 1182. O corpo foi transferido para Paris, à igreja dos Inocentes: foi colocado em uma urna e realizou vários milagres. A cabeça ainda se encontrava na igreja dos Santos Inocentes no início da Revolução Francesa. O pequeno mártir era honrado em Paris em 30 de março, e em Pontoise em 25 de março (*Bento XIV, De béatifications, l. I, c. xlv, n. 4*).

4. O bem-aventurado Rodolfo de Berna – 1287

Mais uma vítima dos judeus, que o mataram por ódio a Cristo, em 17 de abril de 1287. O corpo, encontrado poucos dias após o assassinato, foi sepultado na igreja catedral de Berna, junto ao altar da Santa Cruz. Em 1869, a Sagrada Congregação dos Ritos aprovou o culto desse bem-aventurado para a diocese de Berna.

5. O bem-aventurado Werner de Bacherach – 1287

Werner, nascido por volta de 1273, filho de um viticultor, na aldeia de Wammenrat, a algumas milhas de Bacherach, às margens do Reno, na Renânia; perdeu o pai ainda em tenra idade e sofreu os maus-tratos de um homem violento com quem sua mãe se casara em segundas núpcias. Fugiu então, à procura de uma alma caridosa que consentisse em ter piedade dele. Chegando a Oberwesel, entrou ao serviço de um judeu. Na quinta-feira santa, 19 de abril de 1287, assistiu ao ofício e recebeu a sagrada comunhão. Ao regressar da igreja, foi capturado por um grupo de judeus que, para obrigá-lo a devolver a sagrada hóstia, o submeteram a maus-tratos, abriram-lhe as veias em vários lugares e acabaram por matá-lo. Na noite seguinte, colocaram o corpo em um barco para lançá-lo no Reno e, não conseguindo, jogaram-no em um buraco em Bacherach. Conseguiu-se encontrar o corpo, que foi sepultado em São Cuniberto de Bacherach. Milagres atestaram a santidade dessa criança mártir.

Em 1428, foi erguida uma magnífica igreja em sua honra; houve a elevação e uma trasladação solene de seu corpo. Abriu-se um processo com vistas à sua beatificação, mas não parece que Martinho V tenha dado prosseguimento a ele. No século XVI, a igreja de Besançon obteve uma relíquia desse mártir; seu nome tornou-se célebre na região e os viticultores o escolheram como padroeiro. É igualmente honrado na Auvérnia sob o nome de Verny.

6. O bem-aventurado André de Rinn – 1462

Já se pôde ler anteriormente a história do bem-aventurado Werner, imolado por judeus numa quinta-feira santa em 1287. Isso aconteceu na Renânia.

Hoje, um assassinato análogo teria sido perpetrado no Tirol, em Rinn, perto de Innsbruck.

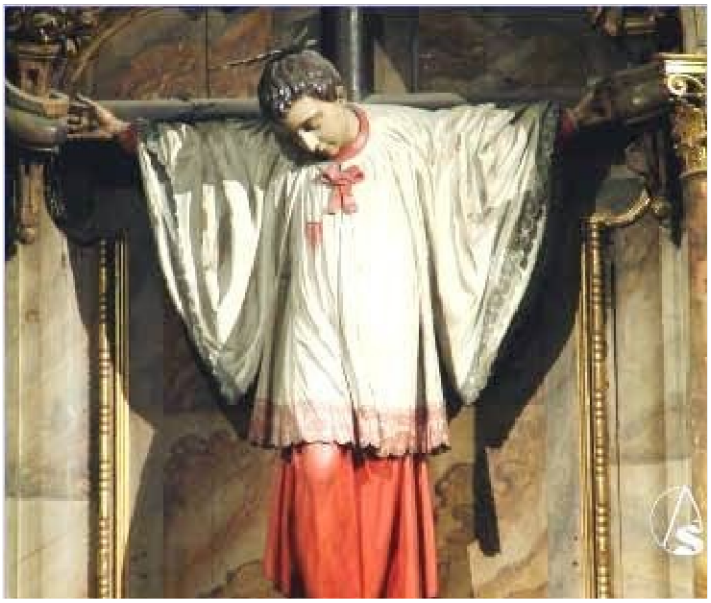
André nascera ali em 1459, de camponeses. Seu pai morreu quando ele tinha dois anos, e foi confiado a seu tio e padrinho, um estalajadeiro da aldeia. Em 12 de julho de 1462, o pequeno André desapareceu. Sua mãe o encontrou enforcado numa árvore, seu pobre corpo crivado de golpes de faca. O tio contou que o havia vendido a judeus, mascates de passagem. Mostrou as moedas de ouro. Mas, ora, elas se haviam transformado em folhas de salgueiro... O homem morreu algum tempo depois em delírio. Em 1475, alguns judeus de Trento foram torturados por terem matado um pequeno cristão chamado Simão. Os camponeses de Rinn vieram então recordar o caso de André.

O lugar onde o pequeno corpo havia sido encontrado foi chamado Judenstein, Pedra-dos-Judeus; falaram-se de milagres; o culto da criança espalhou-se no Tirol setentrional. Em 1670, ergueu-se uma capela sobre as relíquias. Em 1750, o papa Bento XIV confirmou esse culto e concedeu um ofício para a região, mas, em 1755, recusou ao bispo de Brixen a canonização de André. A bem da verdade, é possível que a criança tenha sido morta pelo tio num acesso de loucura e que os judeus tenham sido inventados de todas as formas.

7. O bem-aventurado Hugo de Lincoln – 1255

Quando se fala de Hugo de Lincoln, pensa-se no cartuxo, bispo de Lincoln de 1186 a 1200. Mas houve um pequeno Hugo depois desse grande bispo. Trata-se de uma criança que teria sido imolada por judeus em 1255. Segundo J. Capgrave, judeus de Lincoln se apoderaram de um pequeno cristão de oito anos chamado Hugo. Por ódio a Cristo, renovaram nele as cenas da Paixão, crivaram o pobrezinho de golpes de punhal e o crucificaram. Por fim, arrancaram-lhe as entranhas. Atrocidades judaicas análogas encontram-se nos *Acta* aos 24, 25 de março, 17, 19 de abril, 12 de julho.

8. São Domingos do Vale de Saragoça – 1250



O pequeno Domingos (Dominguíto) do Vale, filho do tabelião Sancho e de Isabel, teria sido crucificado, com 7 anos de idade, e terminado com um golpe no lado por judeus em Saragoça, em Aragão (1250). Seu culto está bem atestado (*Acta sanct.*, 31 de agosto, T. VI, p. 777-783).

9. São Cristóvão de Toledo – 1490

Seria um desses pequenos “inocentes” roubados e crucificados pelos judeus. Seu culto foi confirmado por Pio VII em 1805. Ele é padroeiro de La Guardia.

Mais alguns nomes:

10. Herbert de Huntingdon – 1180

11. Conrado de Weissensee – 1303

12. Luís (ou Ludwig) de Ravensburg – 1429

13. Lorenzino Sossio – 1485

Etc…

II. Simples assassinatos ou crimes rituais?

Na primeira parte deste artigo, vimos que, em várias ocasiões, os Padres beneditinos se mostraram reticentes quanto à possibilidade de estarmos diante de crimes rituais. Eles chegaram mesmo, uma vez ou outra, a sugerir que os cristãos da época teriam acusado, injusta e gratuitamente, os judeus nesses casos de assassinato de criança.

O Talmud ensina, entretanto, que "todo judeu que derrama o sangue de descrentes (não judeus) é a mesma coisa que uma oferenda a Deus" (Bammidber Raba c. 21 & Jalkut 772).

Apresentamos agora as observações de Israel Shamir. Esses trechos foram extraídos das coletâneas de seus artigos que apareceram sob o título de *"Nossa Senhora das Dores"* e de *"A Batalha do Discurso"*.

1. Assim que os judeus não gostam de alguma coisa, chamam de “antissemitismo”…

"A antiga *Jewish Encyclopaedia* (Vol. III, p. 266) enumera os seguintes casos, começando por Guilherme de Norwich: cinco no século XII; quinze no século XIII; dez no século XIV; dezesseis no século XV; treze no século XVI; oito no século XVII; quinze no século XVIII e trinta e nove no século XIX. A contagem para em 1900. Total: cento e treze crimes rituais. Houve ainda mais casos no século XX. Qual é a razão dessa crença? Teria havido uma conspiração de alcance mundial – persistindo ao longo dos séculos – com o objetivo de envolver judeus inocentes em crimes odiosos, ou há realmente um crime por trás dessas acusações? O intrépido Professor Israel Yuval enfrentou essa questão em sua obra fundamental já citada *Duas Nações em teu seio*, disponível em hebraico. Sua tradução em inglês deveria ter aparecido há alguns anos pelas *University of California Press*, mas, por diversas razões, ainda não está disponível. É certamente pura coincidência se alguns acadêmicos judeus americanos levantaram objeções contra a publicação desse livro e pediram para que fosse “apagado da consciência pública.”

"Os cristãos estavam particularmente incomodados com o costume, muito respeitado entre os judeus, de amaldiçoar os gentios. Todos os dias, os judeus pediam a Deus que matasse, destruísse, humilhasse, exterminasse, famasse, difamasse, empalasse... os cristãos, que fizesse cair sobre eles sua Divina Vingança e que cobrisse o manto de Deus com o sangue dos goyim. O livro de Israel Yuval oferece ao leitor uma rica seleção de maldições de gelar o sangue.

Os cruzados não eram racistas. Eles não pensavam que os judeus fossem irremediavelmente maus, mas rejeitavam a ideologia de ódio e de vingança expressa nas maldições judaicas… Os cruzados davam aos judeus a escolha entre a expulsão e a conversão. [...] Quando o “perigo” do batismo se tornava iminente, muitos deles assassinavam os próprios filhos e suicidavam-se. Isso está amplamente atestado: os cronistas judeus e cristãos dessa época descrevem longamente esses acontecimentos, os judeus glorificando tal comportamento, os cristãos o condenando.

Matavam eles as crianças para salvá-las das garras do Cristo-demônio? Pois bem, não exatamente. Isso já teria sido, em si, suficientemente horrível, mas a realidade era pior. O crime era perpetrado à maneira de um abate ritual, seguido de libações com o sangue da vítima. De fato, os judeus asquenazes acreditavam firmemente que o sangue judeu derramado possuía a virtude mágica de invocar a Vingança Divina sobre a cabeça dos gentios. Outros usavam o sangue da vítima como expiação. Em Mogúncia, Yitzhak ben David, chefe da comunidade judaica, levou seus filhos pequenos à sinagoga, degolou-os, depois espalhou o sangue deles sobre a

Arca, proclamando: “Que este sangue de cordeiro inocente seja expiação de meus pecados.” Isso aconteceu dois dias após confrontos com os cristãos, já não havendo mais perigo a temer."

« A imagem de judeus matando crianças por motivos cultuais teve um impacto enorme sobre os povos cristãos da Europa. Esse comportamento em nada era comparável ao martírio cristão. Enquanto os mártires cristãos permitiam que outros os matassem em nome de sua fé, jamais nenhum deles se suicidou, nem, muito menos, assassinou seus filhos ou os de outrem para esse fim sublime. “Isso contribuiu para impor uma imagem de crueldade e de implacável dureza dos judeus. Com o passar dos anos, as circunstâncias exatas que haviam cercado os assassinatos de crianças foram esquecidas, mas a imagem de um judeu matando crianças permaneceu inscrita na psique europeia... Isso esteve na origem da ideia de que os judeus trucidavam crianças cristãs, quando, na realidade, os judeus assassinavam seus próprios filhos”, explica-nos o Professor Yuval.

« Não resta dúvida, porém, de que, em certos casos, a criança raptada era circuncidada pouco antes de ser assassinada, ou seja, havia sido previamente “transformada em criança judia”. Quanto à expiação dos pecados, até mesmo o sangue de um cordeiro teria bastado. Numerosos relatos medievais de judeus matando seus filhos porque haviam entrado numa igreja ou porque manifestaram o desejo de ser batizados não têm nada de particularmente surpreendente, quando se sabe que os pais e a família mais distante de judeus convertidos portavam grande luto por eles. Ainda no século XX, o bondoso Tevie, o Leiteiro, herói idealizado de *O Violinista no Telhado* de Sholem Aleichem, toma o luto de sua filha batizada... Ao longo de oito séculos, os judeus foram condenados em mais de cem casos de assassinato ritual e de oferenda de sangue... No mundo cristão, algumas pessoas praticavam a magia negra, acompanhada de sacrifícios humanos, no decorrer de um ritual “cristão” pervertido. Substituíam o vinho da comunhão – que é o sangue de Cristo, ele mesmo o sangue do Cordeiro Pascal – por sangue humano. Pode-se razoavelmente pensar que entre os judeus jamais tenham surgido magos ou feiticeiros capazes de utilizar sangue humano para lavar os pecados ou apressar a Salvação? […]

« A vítima do assassinato de Damasco era um sacerdote, e isso leva Aaronovitch a classificar o caso na rubrica da “acusação antissemita de crime ritual”. Mas sacerdotes, religiosas e monges de fato foram mortos por judeus. Centenas foram degolados, em 610, em Antioquia, e milhares, em 614, em Jerusalém. Monges e padres ainda hoje são mortos em Israel. Assim, há alguns anos, um colono, Asher Rabo, matou vários monges a machadadas, depois respingou as paredes com o sangue deles. Foi detido por um monge do mosteiro do Poço de Jacó, e um tribunal israelense o declarou mentalmente irresponsável. Mais tarde, duas religiosas russas

foram assassinadas a machadadas no mosteiro de São João Batista. Praticamente todos os assassinos de padres e todos os profanadores de igrejas e mesquitas foram julgados psicicamente perturbados pelos juízes israelenses, mas sua irresponsabilidade psíquica não era certamente de natureza comum. Aaronovitch apresenta o caso de Damasco como uma “calúnia contra o conjunto dos judeus”. Mas apenas um indivíduo foi acusado do assassinato. [...] Se acusar um judeu equivale a acusar a todos, então não há mais nenhuma possibilidade de corrigir erros leves com medidas modestas...»

«Na realidade, os filossemitas, em vez de se manterem tranquilos e deixarem a justiça cumprir o seu trabalho, criaram uma histeria coletiva na França e na Rússia, e de fato acabaram obtendo assim absolvições, mas ao preço da perda total de confiança do povo no sistema judiciário desses dois países. Após os processos de Dreyfus e de Beïlis, os judeus se colocaram acima das leis…

« Paradoxalmente, essa tendência que têm os judeus de conceder refúgio a toda espécie de criminosos decorre de sua visão de mundo, diametralmente oposta à dos cristãos... Assim, aos olhos dos cristãos, os judeus não têm nenhuma culpabilidade coletiva. Para um judeu, admitir que um único judeu pudesse ser culpado acarretaria a culpabilidade do conjunto dos judeus. É por isso que, para os judeus, todos os cristãos (ou todos os alemães, todos os palestinos, todos os... etc.) são culpados de uma ofensa cometida por um ou alguns dentre eles. Essa é a razão pela qual os não judeus são sempre culpados, aos olhos dos judeus...»

2. Páscoas sangrentas

« O Dr. Toaff é filho do grande rabino de Roma. É professor na Universidade judaica de Bar Ilan, não longe de Tel Aviv. Ganhou renome por seus estudos penetrantes sobre o judaísmo medieval.

« Foi ao prosseguir suas pesquisas nesse domínio que ele descobriu que as comunidades judaicas asquenazes que viviam no Norte da Itália praticavam uma forma particularmente horrível de sacrifícios humanos: de fato, seus sábios e seus adeptos raptavam e crucificavam bebês cristãos, cujo sangue utilizavam durante rituais mágicos que invocavam o Espírito da Vingança contra os goyim odiados.

« Ele se interessou, em particular, pelo caso de São Simonetto de Trento. Esse bebê de dois anos, oriundo da cidade italiana de Trento, foi raptado em sua casa por um punhado de judeus asquenazes, na véspera da Páscoa do ano de 1475. Na noite seguinte, os raptores assassinaram a criança, a sangraram, traspassaram seu corpo com agulhas e a crucificaram de cabeça para baixo, com as invocações: “Que todos os cristãos pereçam, estejam eles na terra ou no mar!”. Foi assim que celebraram sua Páscoa – um ritual arcaico que consistia em fazer correr o sangue e em matar bebês, no sentido mais literal do termo matar, sem nenhum recurso à transubstanciação do sangue em vinho.

« Os criminosos foram presos; confessaram e foram julgados culpados pelo Bispo de Trento. Imediatamente, os judeus apresentaram uma reclamação ao Papa, o qual enviou a Trento o Bispo de Vintimille, com fins de investigação. Este teria recebido um suborno confortável por parte dos judeus, em consequência do qual concluiu que a criança havia sido assassinada por uma bomba plantada ali pelo Hamas, a fim de arruinar a reputação de Israel, já que nenhum projétil de artilharia de Tsahal havia sido encontrado na praia de Trento. “Simão havia sido morto por cristãos, com a evidente intenção de trazer a ruína aos judeus”, indica a Enciclopédia judaica de antes da guerra, extremamente premonitória: de fato, esse mesmo argumento foi utilizado, palavra por palavra, pelos judeus, em 2006, a fim de tentar justificar o massacre maciço de crianças, em Kafr Qana.

« No século XV, os judeus eram, certamente, influentes. Mas não eram (ainda) todo-poderosos. Não podiam brincar com o mundo inteiro como o fizeram […]. O Papa Sisto IV reuniu uma comissão de seis cardeais, presidida pelo melhor jurista da época, e confiou a ela o re-julgamento desse caso. E (até mesmo) essa Suprema Corte

considerou os assassinos culpados. As atas do processo sobreviveram aos séculos, e podem ser consultadas, ainda hoje, no Vaticano.

« Em 1965, a Igreja Católica romana [nota da Sapinière: Israel Shamir negligencia aqui o fato de que um papa herege, segundo a opinião comum dos teólogos, perde sua autoridade. Isso explica que todas as escandalosas posições tomadas por tal "papa" herege (como Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco) são nulas de pleno direito e não comprometem em nada a Igreja Católica. Será preciso, portanto, compreender que quando Shamir fala da Igreja do Vaticano II, ele fala dessa igreja conciliar e apóstata que se pretende abusivamente católica porque ocupa materialmente seus assentos episcopais] iniciou uma espécie de perestroika. Foram os tristes velhos dias do Vaticano II, durante os quais os modernizadores erradicaram os fundamentos da tradição, na esperança de colocar a fé na moda e fazê-la colar ao novo discurso da modernidade judaico-compatível. Dito mais simplesmente: os bispos queriam ser amados pela imprensa liberal.

« Os judeus, sempre em alerta, aproveitaram essa oportunidade para pressionar os bispos a descanonizar São Simon de Trento. Os bispos ficaram felizes demais com uma tal ocasião; já, durante um ritual bizarro, os dirigentes da Igreja Católica haviam declarado os Hebreus inocentes da Crucifixão de Cristo, ao mesmo tempo em que reconheciam a culpa da Igreja na perseguição dos judeus; em comparação com uma reviravolta tão magistral, a crucifixão de um garotinho italiano não passava de coisa pequena, como você pode imaginar facilmente… Em menos tempo do que se leva para dizer, os bispos decidiram, então, que as confissões dos assassinos não eram aceitáveis, pois teriam sido obtidas sob tortura e, assim, os acusados foram inocentados, o jovem mártir sendo, por sua vez, simplesmente colocado entre perdas e danos. Foi posto fim a seu culto, que foi prontamente interditado, e as relíquias da criança martirizada foram retiradas da igreja onde repousavam; e lançadas em um lugar secreto, a fim de evitar qualquer retomada intempestiva de eventuais peregrinações.

« Mas voltemos ao Dr. Ariel Toaff. Ao estudar os arquivos do processo, este fez uma descoberta surpreendente: bem longe de terem sido ditadas por investigadores zelosos recorrendo à tortura, as confissões dos assassinos do pequeno Simão continham elementos totalmente desconhecidos pelos homens da Igreja ou pelos guardas italianos. Os assassinos pertenciam à pequena comunidade asquenaze retardatária: eles praticavam ritos próprios, muito diferentes dos dos judeus italianos autóctones. Esses ritos foram fielmente descritos em seus depoimentos; ora, eram totalmente desconhecidos da brigada criminal da época. "Essas fórmulas litúrgicas, em hebraico, de tonalidade violentamente anticristã, não poderiam ser projeções de juízes, que de forma alguma poderiam conhecer essas orações não pertencentes de

modo algum ao ritual dos (judeus) italianos, mas sim à tradição asquenaze", escreve Toaff. […]

« Essa descoberta é de porte a sacudir a Igreja, a lhe proporcionar um choque salutar e a lhe devolver forma. O nobre rabino erudito Ariel Toaff, doutor da universidade, recolocou São Simão na ordem do dia – sim, ele, São Simão, essa criança vítima em duplo título: vítima da vingança, no século XV, e vítima da *perestroika* vaticanesca do século XX. […]

« O crime perpetrado em Trento não era de forma alguma uma exceção. Toaff descobriu numerosos outros casos desses sacrifícios sangrentos, nos quais se faz menção a crianças mutiladas, cujo sangue derramado foi utilizado na confecção de *matsots* (pão ázimo), suas ocorrências se estendendo por mais de cinco séculos de história europeia. […] Comerciantes judeus faziam comércio disso, acompanhadas de atestações rabínicas autorizando a venda; o produto mais cobiçado e mais caro era o sangue de um *goy katan*, isto é, de uma criança não judia. Os vendedores comuns ofereciam, por sua vez, simplesmente sangue proveniente de uma circuncisão, menos estimado. Esses sacrifícios sangrentos eram "ações e reações instintivas, viscerais, virulentas, ao longo das quais crianças, que nada compreendiam do que lhes acontecia, tornavam-se vítimas inocentes do amor de Deus e da vingança", escreveu Toaff no prefácio de sua obra. "Seu sangue banhava os altares de um Deus que, acreditava-se, precisava ser guiado, e por vezes até impelido impacientemente, conforme os casos, seja a proteger, seja a punir".

« Esta observação um tanto hermética é mais fácil de compreender, se lermos a obra do professor Israel Yuval *Deux Nations dans ton sein* [*Two Nations in Your Womb*]. Yuval aí explica que as libações de sangue eram necessárias (aos olhos dos magos judeus), se se queria trazer a Vingança Divina sobre os goyim. Toaff supera Yuval, ao enfatizar o recurso habitual dos judeus ao sangue humano, na Idade Média, para fins de magia e ao dar lugar ao elemento anticristão: a crucifixão das vítimas e as vociferações contra o Cristo e a Virgem Maria. A esse respeito, sua obra é confirmada pelo livro (certamente mais tímido) de Elliott Horowitz: *Des Rites sans foi ni loi: Pourim et le Legs de la Violence juive*. Horowitz aí informa seus leitores sobre rituais bastante estranhos: flagelações da Virgem, destruições de crucifixos, espancamentos e assassinatos de cristãos.

« Doravante, isso é passado. Hoje, podemos nos voltar ao passado e dizer: sim, certos magos e certos místicos judeus praticaram sacrifícios humanos. Eles assassinaram crianças, mutilaram seu pequeno corpo e utilizaram seu sangue a fim de fazer derramar a Ira Divina sobre seus vizinhos não judeus. Eles zombaram dos ritos cristãos ao utilizar o sangue de cristãos, em lugar do sangue de Cristo. A Igreja, e os

povos, em toda a Europa, tinham portanto razão. Os europeus (assim como os árabes e os russos) não eram absolutamente fanáticos tresloucados; eles compreendiam muito bem o que viam com seus próprios olhos. Eles puniram os culpados, e deixaram os inocentes viver em paz. Nós, cristãos, deveríamos revisitar essa página tenebrosa da história, e ter orgulho da Igreja, que sabia ser justa e humana. E não é proibido derramar uma ou duas lágrimas pelas pobres crianças destruídas por esses monstros ávidos de cólera divina. […]

« Esperemos que o ato extremamente corajoso do Professor Toaff represente uma virada na vida da Igreja. A desviação causada pela *perestroika* do Vaticano II foi longe demais. […] Com efeito, foi em Trani que, há um milênio, uma hóstia consagrada foi roubada, na igreja, por uma judia. Depois disso, essa ladra decidiu fritar o corpo de Cristo em óleo fervente. Mas, milagrosamente, a hóstia se transformou em carne humana e começou a sangrar abundantemente, de tal modo que o sangue sagrado se espalhou por toda a casa dessa mulher judia. De fato, tais casos de profanação de hóstias são bem atestados em toda a Europa; eles foram bem descritos por Yuval, Horowitz e Toaff; eles efetivamente ocorreram, e somente uma infame ousadia judia [*chutzpah*] pôde levar a Associação Romana dos Amigos de Israel a dirigir uma missiva ao Papa para exigir dele que fosse posto fim a um culto observado havia um milênio. E essa associação obteve ganho de causa. A Igreja se submeteu, os painéis da exposição foram desmontados, a procissão foi anulada e desculpas banais foram dirigidas aos judeus, para grande satisfação dos embaixadores de Israel Gideon Meir (junto ao governo italiano) e Oded Ben Hur (junto ao Vaticano), que haviam ditado essa capitulação.

« “Estranho mundo o nosso”, escreveu Domenico Savino no excelente web-magazine Effedieffe. “A ofensa é imputada à Fé cristã, e pede-se perdão aos culpados.” […] Aparentemente, os judeus sentiram-se visados… Então, imediatamente, atacaram Toaff, como um enxame de mosquitos em fúria. Um historiador judeu de renome, rabino e ele próprio filho de rabino, relatou acontecimentos de cinco séculos atrás. E daí? Há motivo para comover-se? Na Idade Média, o recurso ao sangue humano, a necromancia e a magia negra não eram exclusividade dos judeus; as bruxas e os magos goyim certamente não lhes ficavam atrás! Pois entre no campo da humanidade, com suas verrugas e defeitos! **Mas isso é coisa demasiado humilhante para arrogantes Escolhidos.**

« **É absolutamente incrível que haja alguém** — um historiador israelense, ainda por cima! — para conceder uma réstia de legitimidade à acusação difamatória sanguinária que foi fonte de sofrimentos indescritíveis e de agressões inumeráveis contra os judeus, ao longo da História”, declarou Abe Foxman, diretor nacional (para os Estados Unidos) da Anti-Defamation League, a qual qualificou o livro de

“desprovido de fundamento”, acusando-o de “dar água ao moinho dos antissemitas, por todo o mundo”. Nem rabino nem historiador, Foxman sabe a priori, segundo sua fé e sua íntima convicção, que se trata de “tolice”. Mas não dissera ele a mesma coisa a respeito do Massacre de Jenin? Num comunicado de imprensa, a Universidade (israelense) Bar-Ilan “exprime sua grande ira e seu extremo desagrado em relação a Toaff, devido à falta de tato por ele demonstrada ao publicar sua obra sobre as acusações de assassinatos rituais (judaicos) na Itália. Sua escolha por uma editora privada italiana, o título particularmente provocador da obra e as interpretações trazidas pela mídia de seu conteúdo ofenderam as sensibilidades de judeus do mundo inteiro, e prejudicaram o delicado tecido das relações entre judeus e cristãos. A Universidade Bar-Ilan condena com a última energia e rejeita totalmente o que parece sugerir a obra de Toaff, assim como as reportagens difundidas pela mídia sobre seu conteúdo, como se as acusações sanguinárias que conduziram ao assassinato de milhões de judeus inocentes tivessem algum fundamento.”

« Quão incendiárias são essas palavras! Toaff passou a sofrer de imediato uma enorme pressão comunitária: ele veria — aos sessenta e cinco anos — sua vida reduzida à miséria, na rua, provavelmente sem aposentadoria, sem amigos e sem alunos, ostracizado e excomungado. Sem dúvida sua própria vida estaria ameaçada; sabe-se que os judeus têm o hábito de empregar assassinos profissionais extremamente discretos para eliminar tais incômodos. Antigamente, chamavam-nos “rodef”. Hoje, são os “kidon”. Mas mudou só o nome: […] um Farol do Controle [Searchlight] patrocinado pela ADL iria expor, invadir ou inventar por completo sua vida privada; muitos pequenos judeus, na web, não deixariam de arrastá-lo na lama, em seus blogs e em sua corveta porta-estandarte, nomeadamente a chamada “enciclopédia online” Wikipedia… »

« No início do ataque, ele tentou resistir: “Jamais renunciarei à minha devoção à verdade e às liberdades acadêmicas, ainda que o mundo inteiro me crucifique!” **Toaff explicou de fato ao diário israelense *Haaretz* que existe uma base factual incontestável em certas acusações de recurso a crimes rituais feitas contra judeus na Idade Média.** Mas Toaff não era feito de pedra. À semelhança de Winston Smith, o personagem principal do romance *1984* de George Orwell, ele cedeu, em sua cela mental vigiada pela Inquisição judaica. Assim, publicou suas mais humildes desculpas, parou de difundir seu livro, prometeu submetê-lo ao *Imprimatur* judaico e até mesmo “doar todos os fundos resultantes da venda de seu livro à Anti-Defamation League” do inenarrável Abe Foxman.

« *Ha’aretz* relatou que “agora, ele (Toaff) quer ser muito claro: os judeus de Trento não assassinaram Simão, nem qualquer outra criança cristã em um quadro ritual. Sua conclusão é que os judeus teriam sido incapazes de matar crianças cristãs

para lhes tirar o sangue". Se tivessem apertado o torniquete um pouco mais forte, Toaff teria confessado que fora ele próprio quem matou Simão, pessoalmente, apenas para caluniar os judeus, que são, por definição, acima de toda suspeita, pelos séculos dos séculos. Suas últimas palavras foram: "Jamais permitirei que qualquer crítico dos judeus me instrumentalize, ou utilize minhas pesquisas como instrumento para atiçar as chamas, mais uma vez, do ódio que conduziu ao assassinato de milhões de judeus. Apresento minhas sinceras desculpas a todos aqueles que possam ter se sentido ofendidos pelos artigos e pelos fatos distorcidos que foram atribuídos ao meu livro, assim como a mim mesmo." »

« Assim, Ariel Toaff cedeu à pressão da comunidade e trocou sua integridade de universitário por um pouco de alívio e tranquilidade? Seus próximos trabalhos estão para sempre comprometidos pelo pacto que foi obrigado a concluir, mas com que direito o julgaríamos? De fato, não sabemos quais torturas mentais puderam ser infligidas a ele pela Gestapo judaica da ADL, nem de que maneira foi constrangido a retratar-se. Não deveríamos culpá-lo por sua fraqueza, ao contrário, mas agradecê-lo por sua descoberta. O que ele nos trouxe é amplamente suficiente. De certa forma, sua contribuição é semelhante à de Benny Morris e de outros Novos historiadores israelenses: estes se limitaram a repetir os dados que já conhecíamos, de fontes palestinas, notadamente graças a Abu Lughud e a Edward Saïd. Mas as fontes palestinas não eram julgadas confiáveis: somente as fontes judaicas são consideradas dignas de fé, em nosso universo judeocentrado. Eis a razão pela qual Morris e seus pares ajudaram milhões de pessoas a se libertarem do narrativo sionista imposto. Isso não teria sido necessário, se fôssemos capazes de acreditar em um goy confrontado a um judeu, em um árabe falando da Expulsão de 1948, ou ainda em um italiano falando de São Simão, quiçá mesmo, talvez, em um alemão evocando as deportações da Segunda Guerra Mundial. E eis que Toaff acaba de libertar muitas almas cativas ao repetir o que já sabíamos, a partir de múltiplas fontes italianas, inglesas, alemãs ou russas.

« Se a "difamação sangrenta" revela-se não uma difamação, mas sim um crime caracterizado, então, talvez, outras afirmações judaicas não venham, por sua vez, a desmoronar? […] Nem a Igreja nem a Umma muçulmana requerem uma tal disciplina cega, e nem o Papa nem qualquer imã detêm, sobre seus correligionários, o poder de que dispõe o senhor Abe Foxman. Ora, Foxman não se importa absolutamente com a verdade: ele opta sempre pelo que (a seus olhos, ao menos) é "bom para os judeus". E pouco importam a multidão de testemunhas: mesmo uma reportagem ao vivo sobre um sacrifício humano ritual judaico não o obrigaria a admitir uma verdade desagradável; ele sempre encontrará uma boa razão, **pois só precisa de uma coisa, uma única coisa lhe importa: nossa confiança nele, nossa**

credulidade. Nós o vimos, no caso do bombardeio de Qana, no Líbano, quando os aviões israelenses destruíram um edifício, matando quase cinquenta crianças, isto é, certamente bem mais do que os Sábios da Úmbria jamais mataram. Primeiro, a mídia desmentiu, para, em seguida, num segundo momento, culpar as vítimas. Portanto, não espere que o livro de Toaff convença os judeus – nada é capaz de fazê-lo. »

« Não vos admireis dessa união de corações e de espíritos judaicos; o reverso da medalha dessa unidade é o facto de que nenhum judeu é livre. […] Enquanto se for incapaz de responder, à pergunta: 'Isto é bom para os judeus?', com esta outra pergunta: 'E o que é que isso nos importa?', permanece-se um prisioneiro sob palavra, um cativo no fim de sua corda, que nem sequer sabe ao som de que música o fazem dançar. Cedo ou tarde, eles vão puxar a corda. Cedo ou tarde, você terá de mentir, procurar palavras ambíguas, para negar aquilo que sabe ser verdadeiro e justo. A liberdade está à nossa porta; então, estendamos a mão e agarremo-la! Como o Reino dos Céus, a liberdade nos pertence, desde o momento em que se fazem perguntas. A Liberdade é o Cristo, porque é com seu coração que o homem escolhe o Cristo, não com seu prepúcio. És livre, desde que aceites o Cristo e sejas capaz de responder, como diz o Evangelho [Mateus 5, 37]: "Que teu Sim signifique bem Sim, eu sou cristão!' e que teu Não signifique bem Não, eu não sou judeu!"

3. A “difamação sangrenta”

“A História é uma disputa de forças permanente, pois sua reescrita pode mudar o curso do mundo. Certamente, não se pode mudar o passado, diz o velho adágio. Mas, se estamos descontentes com o nosso presente, podemos modificar nossa compreensão do passado, e isso mudará o nosso futuro. […] é ainda mais apropriado comparar o avanço real do Dr. Toaff ao de seu colega judeu italiano, o Dr. Carlo Ginzburg, autor de *O Sábado das Bruxas*. Ginzburg demonstrou que os friulanos, habitantes da região do Friul, uma região italiana limítrofe do Vêneto, entregavam-se a uma forma de magia negra derivada de seus ritos ancestrais de fertilidade. Toaff chegou a um resultado semelhante no que diz respeito aos judeus, a saber, que eles também se entregavam à magia negra, a qual derivava de seu culto ancestral da vingança e da salvação-pela-sangue-derramado. Mas os friulanos permaneceram serenos, ao passo que os judeus quase lincharam o professor, demonstrando assim que os friulanos são gente de espírito aberto, capaz de descobrir com curiosidade benevolente as travessuras de seus antepassados, enquanto os judeus são incapazes de digerir a notícia traumática de sua não-exclusividade, de sua não-eleição e de sua não-sacralidade. Conjuntamente com o Dr. Ginzburg, o Dr. Toaff concluiu um processo de reavaliação da Idade Média, já muito bem descrito por Mircea Eliade em sua obra *Ocultismo, Feitiçaria e Modas Culturais*. Eliade escreveu: “Há já oitenta anos, os eminentes pesquisadores Joseph Hansen e Henry Charles Lee consideravam que a magia negra era uma invenção da Inquisição, e não dos feiticeiros. Eles estimavam que essas histórias de sabá das bruxas, de ritos satânicos, de orgias e de crimes eram ou puramente imaginárias, ou resultavam de confissões arrancadas pela tortura. Hoje sabemos — prosseguia Mircea Eliade — que a magia negra não foi inventada pela Inquisição”. Nem tampouco, deveríamos acrescentar, os sacrifícios humanos judaicos, cuja prova foi trazida pelo Dr. Toaff.

“Toaff estudou o caso de Simão de Trento, uma criança ritualmente assassinada por feiticeiros judeus. […] Outro caso foi o de Hugo de Lincoln, uma criança assassinada ritualmente em 1225: de 90 judeus presos em consequência desse crime, mais de 70 foram libertados, sua inocência tendo sido estabelecida, enquanto os culpados comprovados foram enforcados. Vê-se, portanto, que estamos, aqui, no caso, extremamente longe de qualquer linchamento! Cometendo um delito descarado de parcialidade étnica, a enciclopédia nas mãos dos judeus, Wikipedia, qualifica Hugo de Lincoln de “supostamente assassinado”, ao passo que a “acusação falaciosa” claramente estabelecida é, por sua vez, qualificada de “difamação sangrenta”. O *Blood Abel* é uma definição padrão desses casos, insinuando que os judeus, por definição sempre inocentes, eram acusados falsamente por cristãos cheios de

preconceito contra eles. Mas se uma lição moral pode ser tirada desses velhos casos criminais, eis aqui o seu teor: o senso europeu de justiça e de equidade sempre, invariavelmente, prevaleceu; enquanto os judeus culpados eram castigados, os judeus inocentes viveram e prosperaram, sendo eles a única comunidade não-cristã na Europa. […]

"Quando se leem os textos judeus e judeófilos datando de antes da Segunda Guerra Mundial, nota-se que o lugar ocupado, hoje em dia, pelo dogma holocáustico no universo judeocêntrico não estava vago: ele era ocupado pelos pogroms na Rússia, pelo caso Dreyfus na França, pela Inquisição, pela expulsão dos judeus da Espanha, pela destruição do Templo de Jerusalém e, em grande medida, pelas 'difamações sangrentas'! Todos esses discursos veiculavam uma única e mesma mensagem: proclamavam eterna, única, inexplicada e sem fundamento uma dor dos judeus exclusivamente causada pelo ódio irracional dos gentios; unificavam e mobilizavam os judeus contra os goyim; permitiam derivar em parte uma sobrepressão de inveja, hostilidade e desconfiança em relação aos judeus, transformando, no processo, esses sentimentos negativos em piedade, e suscitando sentimentos de culpa em pessoas que não tinham nada a se reprovar. […]

"Todas essas histórias de sofrimentos imerecidos podem ser reduzidas a nada. Mas é preciso ter cuidado: não nos deixemos levar a ficar ruminando exclusivamente a questão dos judeus. Isso é lhes dar honra demais. O que é preciso é libertar os judeus da judaicidade, e não os aprisionar nela. É precisamente isso que os dirigentes da Judiaria gostariam. Mesmo que cada mentira histórica seja desmontada, os poderosos continuarão a alardear a judaicidade, a admirar a *tchutzpah* dos judeus e sua disciplina. Ora, a *tchutzpah* nasce do desespero, e a disciplina não é senão o resultado de um discurso aceito tanto por judeus quanto por não-judeus: cabe a nós impedir o perigo de tornar ainda pior esse estado de coisas. […]"

"A cada vez que houve exações contra judeus, elas tinham sido causadas por exações cometidas por judeus. De fato, negacionista até o caroço, eu nego a própria existência do antissemitismo, esse 'ódio irracional [alegado] contra os judeus'. Isso simplesmente não existe. A judiaria foi combatida, como toda forma de poder, desde a Igreja Católica Romana até a Standard Oil Corporation. Os judeus não são cordeiros, mas sim um fator plenamente ativo da vida ideológica e econômica. Pode-se estar ao lado deles, ou contra eles. Mas daí a 'odiá-los'? Certamente que não. Os não-judeus geralmente foram muito mais conciliadores para com os judeus do que o contrário. Mesmo a famosa 'difamação sangrenta', vimos, resulta de uma criminalidade plenamente real. Houve exações antijudaicas, na Europa e no Oriente Médio? Isso é inegável. Mas foram causadas por um 'ódio irracional'? Certamente que não. […] Ora, os judeus eram – e representam, ainda hoje – um poder. […] Num

mapa dos poderes dessa natureza, a Judiaria apareceria plenamente impressionante. Os judeus representam um poder importante, no mundo em que vivemos. Constituem uma potência de primeira grandeza, mais poderosa que a Igreja Católica, com certeza mais poderosa que a Itália ou que qualquer outro país europeu, mais poderosa que a Shell e a Agip ou que qualquer outra multinacional. […]

"Não, não é um simples lobby: é a Judiaria! Por que ela é tão poderosa, hoje em dia? Em minha obra *Pardès*, dei uma interpretação profunda, embora sutil, do que constitui uma virada igualmente profunda e sutil na história recente. Historicamente, por sua própria natureza de igreja alternativa, a judiaria sempre se definiu por sua oposição à Igreja apostólica. Tendo sido derrubada a dominação da Igreja Católica, essa igreja alternativa que é a Judiaria se viu fortalecida na mesma medida. […] Os revisionistas do Holocausto pensam que o poder judaico desmoronará no instante em que a narrativa holocáustica tiver sido minada. Eles acreditam, de fato, que o poder judaico se funda sobre a mentira. Não concordo. O poder da Judiaria é plenamente real; ele se funda no dinheiro, na ideologia e em tudo aquilo sobre o que qualquer poder se funda. Esse poder bem real deve primeiro ser desmantelado; só então a história verídica poderá encontrar escuta. Evidentemente, nesse momento, a narrativa holocáustica já não interessará a ninguém, salvo às pessoas por ela diretamente atingidas em sua própria família."